

PAULO RICCA/ARQUIVO



Pocinho vai continuar, para já, a ser a última paragem do comboio na Linha do Douro

Governo não se compromete com a reabertura da linha para Barca de Alva

Ministério da Cultura diz que não fez qualquer promessa e que o investimento só avançará se for privado

CARLOS CIPRIANO

O regresso do comboio a Barca de Alva está longe de ser uma certeza. "O que a ministra [da Cultura] disse foi que não haveria problema para a linha voltar a funcionar se houvesse investidores privados interessados em explorar aquele troço", disse ao PÚBLICO Nelson Lopes, assessor de Isabel Pires de Lima, que, há dez dias, anunciara que estavam em curso e bem encaminhadas conversações entre os ministérios da Cultura e das Obras Públicas para a reabertura, para fins turísticos, da Linha do Douro entre Pocinho e Barca de Alva.

Confrontado pelo PÚBLICO com estas declarações no próprio dia, o Ministério das Obras Públicas não quis esclarecer se houve reuniões sobre esta matéria entre os dois ministérios. Ana Melo, assessora de imprensa de Mário Lino, disse que se "trata de matéria que já está contemplada nas orientações estratégicas para o sector ferroviário", apresentadas pelo Governo em Outubro, mas a verdade é que aquele documento não faz uma única referência ao troço Pocinho-Barca de Alva. De resto, o próprio plano de investimentos da Refer para 2005 não tinha qualquer verba destinada a aquele troço ferroviário.

Do Ministério da Cultura, o assessor de Isabel Pires de Lima deu outra interpretação às declarações da ministra. "Nunca se falou em envolver quaisquer despesas do Estado na reactivação da linha, nem nunca foi dito que o Governo nela iria investir", disse, acrescentando que "não se tratou de uma promessa governamental", mas sim de relembrar que, ao construir-se o Museu do Côa num local tão próximo da velha estação ferroviária, "estão reunidas as condições para a linha ser explorada com fins turísticos se para tal houver acordo entre privados e esautarquias".

Durão já tinha falhado promessa

Caem assim por terra as esperanças dos autarcas e da população que, no centro cultural foz-coense, aplaudiram com uma forte ovação a alegada promessa da ministra da Cultura. Uma situação que não é nova. Já em Maio de 2004, o então primeiro-ministro Durão Barroso garantira que "é ponto assente que vamos reabrir a linha Pocinho-Barca de Alva" e que os estudos para a reabilitação daquele troço não deveriam ser entendidos exclusivamente numa óptica financeira, mas sim numa perspectiva turística e patrimonial.

A promessa, porém, foi esquecida e o Governo não mandou a Refer para fazer os investimentos necessários. Em Dezembro desse ano, o plano de investimentos da gestora de infra-estruturas

Obra teria custo mínimo de 4,5 milhões de euros

Apertar os parafusos, substituir alguns carris, limpar o corredor ferroviário e pôr os comboios a andar (devagar) entre Pocinho e Barca de Alva pode custar 4,5 milhões a 5 milhões de euros, segundo informações recolhidas pelo PÚBLICO junto de fontes da Refer. A velocidade máxima não poderia exceder os 30 km/h, o que não é grave, quando o objectivo é fazer turismo sobre carris, recreando a vista pela paisagem do vale do Douro e pelo rio que beija a via-férrea no seu percurso. Este cenário obriga, no entanto, a elevados custos de manutenção. Uma forma de os evitar seria um investimento inicial mais ambicioso: 11 milhões de euros para reabrir mais "a sério" os 28 quilómetros de linhas que foram fechados em Dezembro de 1988 e que passariam a ter uma infra-estrutura nova onde as composições podjam circular a 80 km/h. Um cenário que permitiria juntar o tráfego comercial à exploração turística, potenciada com o funcionamento do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, o hotel na estação de Barca de Alva e a reabertura da linha no lado espanhol.

ferroviárias não contemplava qualquer verba nem sequer para estudos, o mesmo se sucedendo em 2005 e 2006, acabando o executivo de Sócrates por assumir que aquele projecto não era uma prioridade.

Já do lado espanhol, a linha vai ser reabilitada, tendo o Governo de Zapatero disponibilizado uma verba de 24 milhões de euros para voltar a pôr os comboios a circular entre La Fuente de San Esteban (Salamanca) e La Fregeneda, junto à fronteira portuguesa de Barca de Alva. Esta verba, suportada pelo Estado espanhol com recurso a financiamento comunitário, tinha sido uma promessa eleitoral do PSOE. O objectivo é, também, aproveitar a linha para fins turísticos, aproveitando o seu património desactivado e o Parque Nacional de los Arribes del Duero.

Do lado português, a preocupação imediata da Refer tem sido a de evitar que se continue a roubar os carris da linha abandonada. Enquanto isto, o projecto para transformar a estação de Barca de Alva num estabelecimento hoteleiro não tem passado apenas de uma ideia, se bem que acarinhada e desejada pela Câmara de Figueira de Castelo Rodrigo, que gostaria de potenciar e valorizar aquele património, situado num local privilegiado junto ao rio. A Refer, que, em 2001, criou uma Unidade de Gestão do Património Desactivado para travar a degradação dos seus activos em linhas encerradas ao tráfego, acabaria, porém, por desactivar essa mesma estrutura. ■

Governo faz depender reabertura da linha Pocinho-Barca de Alva do interesse de privados

Apesar de a ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, ter dito, há dez dias, que havia negociações entre o seu ministério e o das Obras Públicas, a sua assessoria assegura que não há qualquer compromisso para a reabertura da linha **P46**

PAULO RICCA/ARQUIVO

